

Editorial

A publicação desta 31ª edição da DESIDADES completa oito anos da revista com edições ininterruptas desde dezembro de 2013. É fruto de um trabalho coletivo de muitos – equipe editorial, autoras/es, parceiros, leitoras/es, conselheiros/as - que acreditam na criação e consolidação de um espaço de reflexão e discussão crítica sobre as questões da infância, adolescência e juventude dos países da América Latina como necessário para ampliar o escopo do debate, da pesquisa científica e das políticas públicas neste campo de estudos. Ainda, infelizmente, sobrepõem-se a indiferença societária e, por vezes, a ignorância, no tratamento das questões destes segmentos geracionais, haja vista como se invisibilizou, da discussão e preocupação públicas, o grave e irremediável impacto da pandemia sobre a educação escolar e a segurança alimentar da grande maioria de crianças e jovens brasileiros. Neste sentido, vai nossa insistência em sobreviver como revista comprometida com a divulgação do conhecimento científico nesta área, sobrevivência essa a duras penas frente ao desmonte das instituições acadêmicas e de pesquisa no país no atual governo.

No entanto, é com alguma esperança que encerramos mais este ano, já que essa, a esperança, não traduz uma certeza a respeito do futuro, mas, sim, uma aposta convicta no meio das incertezas e embates, como nos inspirou e inspira Marielle Franco, e tantas outras e outros, que agiram mesmo sem poder conferir os ganhos de suas lutas. Nessa aposta de fazer a revista acontecer a cada quatro meses, materializada nas três edições anuais, a Equipe Editorial tem discutido os caminhos e as escolhas, revisto as suas práticas e, muitas vezes, deliberado por algumas mudanças que podem trazer qualificação e agilidade ao processo editorial e maior alcance na difusão do conteúdo. A mais recente que compartilhamos com todos e todas é a alteração no subtítulo da revista que, a partir da 31ª edição, passará a ser: DESIDADES Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude. Um dos fundamentos da nossa política editorial consiste na relevância dada à divulgação do conhecimento científico para além dos muros da Universidade, princípio que continuamos a manter. Contudo, acreditamos que a mudança no subtítulo da revista qualificará e caracterizará melhor, e de modo mais conciso, a revista pelo que ela é e objetiva seguir sendo.

Nesta edição, a revista traz duas Seções em Temáticas em Destaque, a Seção Temática “Interdisciplinaridade no campo da infância, adolescência e juventude”, com cinco artigos; e a Seção Livre, com sete artigos. Os artigos da Seção Temática são assinados por colegas do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Infância, Adolescência e Juventude (NIAJ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro que abriga docentes e pesquisadores/as desta Universidade, e também de outras instituições públicas de ensino superior, como UNIRIO, UFF e a UERJ. O desafio de encarar como e em que bases esta discussão, absolutamente necessária, se faz, é assumido nestes cinco artigos que tratam de questões como violência, saúde, educação e ação política na infância, adolescência e juventude. No Espaço Aberto, a entrevista também traz uma boa conversa sobre a criação deste Núcleo, o NIAJ, e como ele pretende galvanizar as ações de pesquisa, formação e extensão com enfoque interdisciplinar, no nosso estado e no país, no âmbito deste campo de estudos.

Nesta edição, DESIDADES publica a seção temática “Interdisciplinaridade no campo da infância, adolescência e juventude”, visando dar visibilidade a experiências colaborativas em torno de novas práticas teórico-metodológicas e de ação-intervenção, baseadas em fazeres coletivos entre as especialidades que, assim, possam refletir e produzir novos modos de compreender e falar sobre os sujeitos humanos em convivência societária.

As ciências humanas seriam, por definição, multiparadigmáticas, no sentido mesmo proposto por Thomas Kuhn na sua obra clássica “A Estrutura das Revoluções Científicas” de 1962. No entanto, a ciência moderna e, principalmente, o sistema de ensino consolidado no século XIX têm avançado soberbamente na fragmentação dos saberes e abordagens, alargando ou estreitando as fronteiras de acordo com o viés epistemológico aceito numa determinada comunidade científica. Assim, diante de um problema, um acontecimento, um sujeito, cada disciplina propõe o seu retrato, sua análise, sua solução. Os indivíduos, portanto, também são esfacelados nas abordagens disciplinares, recortados nas especialidades disponíveis em cada momento da sua jornada de vida: de modo resumido e caricato, a prescrição especializada sugere medicina para as doenças do corpo, psicologia para os males emocionais, sociologia para as desordens da vida em comunidade, e assim por diante. Como interromper ou frear a fragmentação e, de algum modo, buscar religar os saberes? Desde meados do século passado tem crescido um movimento em torno de novas abordagens não disciplinares, experimentos multi-trans-interdisciplinares que têm sido objeto de novas abordagens epistemológicas e novas práticas de ensino-aprendizado.

A participação de crianças e adolescentes em ambientes de deliberação pública é objeto de reflexão por Conceição Firmina Seixas Silva, Giselle Arteiro Nielsen Azevedo e Heloisa Dias Bezerra no artigo *Escuta e diálogo: crianças e jovens na formação de minipúblicos potentes para a construção de políticas inclusivas*. As autoras trabalham a concepção de minipúblico, pondo em destaque uma experiência que viabiliza atos de fala, de escuta e de troca com vistas a obtenção de subsídios para a implantação de ações e políticas voltadas para a redução de vulnerabilidades em territórios periféricos. Crianças e adolescentes constituem um público cuja voz é notadamente silenciada quando o assunto envolve política e as decisões políticas que vão ter impacto na vida cotidiana.

Com olhares distintos, dois artigos abordam questões sobre a adolescência e suas multidimensionalidades. Em *A adolescência negligenciada: múltiplos olhares*, Ana Lucia Ferreira, Joana Garcia e Marta Rezende Cardoso buscam compreender a negligência como uma manifestação de violência nem sempre visível, trazendo uma reflexão pungente sobre as ausências institucionais e familiares, especialmente no que se refere a proteção e cuidado desses sujeitos, fato que, não raro, esconde aspectos culturais e políticos socialmente aceitos, tais como desinformação, maus tratos intrafamiliares, precariedade nos meios de subsistência e de assistência pública. A proteção dos adolescentes é tomada como um dever ser coletivo para assegurar aspectos materiais e legais, bem como o fortalecimento do próprio sujeito nas práticas de autocuidado e autoproteção. O artigo é ilustrado com um caso inspirado em demandas cotidianas de uma unidade de saúde, envolvendo uma adolescente em situação marcada por formas distintas de negligência.

De uma outra perspectiva, em *Adolescência e suas marcas: o corpo em questão*, Beatriz Akemi Takeiti e Cristiana Carneiro e Simone Ouvinha Peres refletem sobre a temática do corpo enquanto objeto de estudo privilegiado para os campos da adolescência e juventude, trazendo questões singulares sobre as marcações do corpo, sejam tatuagens, piercings e *cutting*, as quais encarnam novos modos de identidade social, de gênero, pertencimento social e também de violências e autoviolências. Para as autoras o corpo passou a ocupar um lugar de destaque na cena social, demandando atenção, cuidados, intervenções públicas e regulações biológicas e culturais.

No artigo *Agravamento das vulnerabilidades infantojuvenis: uma análise sociopolítica do sofrimento psíquico durante a pandemia de COVID-19*, Edson Guimarães Saggese, Ivone Evangelista Cabral e Luciana Gageiro Coutinho analisam alguns impactos do

período pandêmico sobre crianças e adolescentes, buscando contextualizar e articular vulnerabilidade social e vulnerabilidade psíquica. O afastamento da escola e a redução do atendimento presencial nas unidades de saúde aparecem como fatores relevantes para o aumento da vulnerabilidade e das violências, seja pela ampliação do tempo de permanência em casa, no convívio intrafamiliar, seja por afastar crianças e adolescentes de espaços que de certo modo oferecem alguma proteção e um lugar de escuta.

Por fim, em *A criança e seus mil dias: articulações entre saúde e educação*, Antonio José Ledo Cunha e Patrícia Corsino analisam os primeiros anos de vida de uma criança, estabelecendo um diálogo profícuo entre Saúde e Educação Infantil. A análise recai sobre a atenção integral e o marco legal da primeira infância, abrangendo desde os direitos fundamentais às políticas voltadas para a primeira infância, com ênfase nos primeiros mil dias, que são essenciais para o pleno desenvolvimento das crianças, para o aprimoramento das sociedades e a diminuição de desigualdades.

A Seção Livre de Temas em Destaque traz sete artigos. Em *Diante do fim do mundo, recomeçar pela infância*, escrito no contexto da pandemia no Brasil, Marina Harter Pamplona e Marcelo Santana Ferreira abordam a importância de lançarmos o olhar sobre a relação existente entre a imagem de uma destruição necessária para a abertura do novo e o gesto retroversivo da narrativa operacionalizado pelas lembranças de infância. No horizonte, uma concepção política de infância capaz de construir outras formas de ler a história em oposição aos regimes políticos totalitários que se apresentam movidos por outra espécie de destruição.

No artigo *Niñez, educación y pandemia: la experiencia de las familias en Buenos Aires (Argentina)*, de Marina Moguillansky e Carolina Duek, a não distribuição igualitária de condições e acesso à educação virtual, se apresentaram como reprodução de desigualdades preexistentes. Enquanto as escolas particulares, que abrigam crianças de famílias da classe média e média alta, tiveram um começo mais rápido da proposta de educação virtual e acesso aos múltiplos recursos à sua realização, as escolas públicas, que abrigam crianças de famílias de classes populares e classe média baixa, tiveram dificuldades para se inserirem num sistema educacional distante de suas condições de aporte e realização.

Tendo como objeto de estudo as mobilizações políticas com referencial democrático, de igualdade e de respeito às diferenças, Ana Carolina V. R. Santos, no artigo *Feminismo teen e youtubers: feminismo na adolescência em tempos de redes sociais*, buscou investigar o modo como as motivações, reflexões e experiências de adolescentes identificadas como feministas são impactadas pelas redes sociais, especialmente o YouTube.

A discussão em torno do trabalho infantil traz uma série de questões que se apresentam aparentemente resolutivas quando observadas à luz de sua erradicação, no entanto, como nos traz Natalia Sepúlveda Kattan em *Contribuciones desde los movimientos de niños, niñas y adolescentes trabajadores a la discusión en torno al trabajo infantil*, em uma perspectiva inovadora, há a necessidade de se dar voz e escuta aos movimentos de crianças e adolescentes trabalhadores que estão presentes na América Latina, Ásia e África, para que se possa lograr um melhor desenvolvimento conceitual do fenômeno, cuja discussão vai além do fato de meninos e meninas trabalharem.

De perspectivas distintas, dois outros artigos trazem o tema da violência. Em *A notificação compulsória da violência contra crianças e adolescentes e seus desdobramentos via Conselho Tutelar*, Joana Garcia e Vanessa Miranda Gomes da Silva, atestam haver ainda no Brasil uma naturalização de certas manifestações da violência, tornando-se importante a politização e a publicização das implicações das mesmas a fim de que se possa

tornar o que é considerado natural ou imutável em algo que seja preferencialmente evitável. Já no artigo *Avaliação de reincidência de ofensa sexual cometida por adolescentes de 16-18 anos*, Ana Clara da Silva, Larissa Fernandez, Ranieli Gomes de Sousa, Vanessa Pereira, Andrea Schettino e Liana Fortunato Costa, trazem uma pesquisa exploratória realizada com adolescentes atendidos em um programa de assistência a famílias em situação de violência. O objetivo foi investigar, por meio do instrumento ERASOR 2.0, ainda pouco conhecido no contexto brasileiro, o risco de reincidência de ofensa sexual praticada pelos participantes.

Por fim, a relação entre saúde e educação, é proposta por Maryana Rodrigues, Ingrid Siqueira, Vitória Santana, Juliana Caminha e Vivyan Correio, no artigo *Reflexões sobre promoção de saúde na escola: invenções e possibilidades de uma extensão universitária*. A preocupação com as questões referentes ao adoecimento e ao sofrimento psíquico causados pelo processo de preparação para o vestibular em jovens de Ensino Médio, resultou em um projeto de extensão idealizado por alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense- Niterói- RJ, realizado com estudantes vestibulandos de um colégio federal da mesma cidade.

A Seção de Levantamento Bibliográfico traz duas resenhas. Uma, de Elen Alves dos Santos, sobre a obra *Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: estudos de casos em psicanálise e educação*, de Cristiana Carneiro e Luciana Gageiro Coutinho; a outra, de Vera Lucia G. Da Silva, sobre a obra *Pensar la educación en tiempos de pandemia: entre la emergencia, el compromiso y la espera*, organizado por Inés Dussel, Patricia Ferrante y Darío Pulfer.

Apresentamos também, como sempre, o levantamento de 38 publicações recém-lançadas no último trimestre no campo da infância, adolescência e juventude divulgadas no âmbito dos sites de editoras comerciais e universitárias nos países latino-americanos.

Gostaríamos de registrar aqui nossos mais sinceros agradecimentos pelo apoio financeiro de emenda parlamentar ao Orçamento da União de autoria do Deputado Alessandro Molon (PSB-RJ), que tornou possível a impressão desta edição.

Agradecemos também a Thyago Machado, do Forum de Ciência e Cultura da UFRJ, pelo apoio inestimável no trâmite dos recursos desta Emenda Parlamentar.

Heloisa Dias Bezerra
EDITORA CONVIDADA DA SEÇÃO TEMÁTICA INTERDISCIPLINARIDADE

Lucia Rabello de Castro
EDITORA CHEFE

Sonia Borges Cardoso de Oliveira
CO-EDITORA

AGRADECIMENTOS AOS CONSULTORES/AS AD HOC DE 2021, LISTADOS ABAIXO EM NOMINATA:

Albenise de Oliveira Lima – Brasil, Universidade Católica de Pernambuco
Alfredo Nateras Domínguez – México, Universidad Nacional Autónoma de México
Ana Lila Lejarraga – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Anália Martins de Sousa – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Ana Lucia Goulart de Faria – Brasil, Universidade Estadual de Campinas
Angela Alencar de Araripe Pinheiro – Brasil, Universidade Federal do Ceará
Antonio César de Holanda Santos – Brasil, Universidade Federal de Alagoas
Beatriz Akemi Takeiti - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Beatriz Corsino Pérez - Brasil, Universidade Federal Fluminense
Clarice Cassab - Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora
Cristiana Carneiro - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Diana Dadoorian - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Diana Milstein – Argentina, Universidad Nacional de La Matanza
Doria Monica Arpini - Brasil, Universidade Federal de Santa Maria
Edson Guimarães Sagesse – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Electra Gonzáles – Chile, Centro de Medicina Reproductiva y Desarrollo Integral del Adolescente
Elizabete Franco Cruz – Brasil, Universidade de São Paulo
Fátima Flórido Cesar – Brasil, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Fernanda Canavêz de Magalhães - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fernanda Theophilo da Costa-Moura - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Flávia Cristina Silveira Lemos- Brasil, Universidade Federal do Pará
Gabriela Novaro – Argentina, Universidad de Buenos Aires
Guilherme Arias Beaton – Cuba, Universidad de La Habana
Idilva Maria Pires Germano – Brasil, Universidade Santa Cruz do Sul
Jader Janer Moreira Lopes - Brasil, Universidade Federal Fluminense
Janaina Sampaio Zaranza – Brasil, Universidade Federal do Ceará
Jaqueline Cavalcanti Chaves – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Jimena de Garay Hernández – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
José Alfredo Debortoli - Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais
José Ignacio Richaud – Chile, Aperturas Clínicas - centro de investigación y tratamiento de la infancia con problemas
Latif Antônia Cassab – Brasil, Universidade Estadual do Paraná
Lila Cristina Xavier Luz – Brasil, Universidade Federal do Piauí
Lúcia Isabel da Conceição Silva – Brasil, Universidade Federal do Pará
Luciana Gageiro Coutinho – Brasil, Universidade Federal Fluminense
Luciana Martins Quixadá – Brasil, Universidade Estadual do Ceará

Luciana Moreira de Araujo – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RJ)
Luciane De Conti – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Luís Felipe Rios do Nascimento – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco
Marcelo Tadeu Baumann Burgos – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RJ)
Marcia Aparecida Gobbi - Brasil, Universidade de São Paulo
María Eugenia Rausky- Argentina, Universidad Nacional de la Plata
Marcos Cezar de Freitas – Brasil, Universidade Federal de São Paulo
Marcos Ribeiro Mesquita – Brasil, Universidade Federal de Alagoas
María Celeste Hernández - Argentina, Universidad Nacional de La Plata
Maria Cristina Ventura Couto - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Maria Lidia Bueno Fernandes - Brasil, Universidade de Brasília
Maria Livia de Tommasi - Brasil, Universidade Federal do ABC
Maria Tereza Goudard Tavares – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Maria Victoria Alzate Pedranhita – Colômbia, Universidad Tecnológica de Pereira
Mariana Mollica da Costa Ribeiro Araujo - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marta Xavier Fadrique – Brasil, Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre
Melissa Ribeiro Teixeira - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Nair Monteiro Teles – Brasil, Fundação Oswaldo Cruz / Moçambique, Universidade Eduardo Mondlane
Natalia Alvarez-Prieto – Argentina, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
Nécio Turra Neto - Brasil, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Neuza Maria de Fátima Guareschi – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Neyra Patricia Alavaro Solís – México, El Colegio de San Luis
Paola Jiron Martinez - Chile, Universidad de Chile
Ramiro Segura - Argentina, Universidad Nacional de La Plata
Raquel Corrêa de Oliveira – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rodrigo Gabbi Polli – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Roseane Amorim da Silva – Brasil, Universidade Federal Rural de Pernambuco
Rossano Cabral Lima – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Sílvia Pereira da Cruz Benetti– Brasil, Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Simone Ouwinha Peres – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Sofia Hengen – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Tereza Correia da Nóbrega Queiroz - Brasil, Universidade Federal da Paraíba
Vanessa Barbosa Romera Leme – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Vlândia Jamile dos Santos Jucá – Brasil, Universidade Federal da Bahia
Veriana de Fátima Rodrigues Colaço – Brasil, Universidade Federal do Ceará
Vinicius Coscioni – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Zuleica Pretto - Brasil, Universidade do Sul de Santa Catarina

Editorial

La publicación de esta 31ª edición de DESIDADES completa ocho años de revista con ediciones ininterrumpidas desde diciembre de 2013. Es fruto de un trabajo colectivo de muchos – equipo editorial, autoras/es, colegas, lectoras/as, consejeros/as – que creen en la creación y consolidación de un espacio de reflexión y discusión crítica sobre las cuestiones de la infancia, adolescencia y juventud de los países de América Latina como necesario para ampliar el alcance del debate, de la investigación científica y de las políticas públicas en este campo de estudios. Aún, desafortunadamente, se sobreponen la indiferencia societaria y, a veces, la ignorancia, en el tratamiento de las cuestiones de estos segmentos generacionales, teniendo en cuenta cómo se invisibilizó, de la discusión y preocupación públicas, el grave e irremediable impacto de la pandemia sobre la educación escolar y la seguridad alimentaria de la gran mayoría de los niños, niñas y jóvenes brasileños. En este sentido, se dirige nuestra insistencia en sobrevivir como revista comprometida con la divulgación del conocimiento científico en esta área, sobrevivencia a duras penas frente al desmontaje de las instituciones académicas y de investigación en el país en el actual gobierno.

Sin embargo, es con alguna esperanza que cerramos este año, ya que ella, la esperanza, no traduce una certeza respecto del futuro, pero, sí, una apuesta convencida en medio de las incertezas y embates, como nos inspiró e inspira Marielle Franco, y tantas otras y otros, que actuaron aún sin poder comprobar los logros de sus luchas. En esta apuesta de que la revista suceda cada cuatro meses, materializada en las tres ediciones anuales, el Equipo Editorial ha estado discutiendo los caminos y decisiones, revisando sus prácticas y, muchas veces, deliberando algunos cambios que pueden traer calificación y agilidad al proceso editorial y mayor alcance en la difusión del contenido. La más reciente, que compartimos con todos y todas es la alteración en el subtítulo de la revista que, a partir de la 31ª edición, pasará a ser: DESIDADES Revista Científica de la Infancia, Adolescencia y Juventud. Uno de los fundamentos de nuestra política editorial consiste en la relevancia dada a la divulgación del conocimiento científico más allá de los muros de la Universidad, principio que continuamos manteniendo. No obstante, creemos que el cambio en el subtítulo de la revista calificará y caracterizará mejor, y de forma más concisa, a la revista por lo que es y objetiva seguir siendo.

En esta edición, la revista trae dos Secciones en Temas en Destaque, la Sección Temática “Interdisciplina en el campo de la infancia, adolescencia y juventud”, con cinco artículos; y la Sección Libre, con siete artículos. Los artículos de la Sección Temática fueron producidos por colegas del Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Infância, Adolescência e Juventude (NIAJ) de la Universidade Federal do Rio de Janeiro que alberga docentes e investigadores/as de esta Universidad, y también de otras instituciones públicas de enseñanza superior, como UNIRIO, UFF y la UERJ. El desafío de encarar cómo y en qué bases esta discusión, absolutamente necesaria, se hace, es asumido en estos cinco artículos que tratan de cuestiones como violencia, salud, educación y acción política en la infancia, adolescencia y juventud. En el Espacio Abierto, la entrevista también trae una buena conversación sobre la creación de este Núcleo, el NIAJ, y como pretende impulsar las acciones de investigación, formación y extensión con enfoque interdisciplinario, en nuestro estado y en el país, en el ámbito de este campo de estudios.

En esta edición, DESIDADES publica la sección temática “Interdisciplina en el campo de la infancia, adolescencia y juventud”, con el objetivo de dar visibilidad a experiencias colaborativas en torno de nuevas prácticas teórico-metodológicas y de acción-intervención, basadas en esfuerzos colectivos entre las especialidades que, así, puedan reflejar y producir nuevos modos de comprender y hablar sobre los sujetos humanos en convivencia societaria.

Las ciencias humanas serían, por definición, multiparadigmáticas, en el sentido propuesto por Thomas Kuhn en su obra clásica “La Estructura de las Revoluciones Científicas” de 1962. Sin embargo, la ciencia moderna y, principalmente, el sistema de enseñanza consolidado en el siglo XIX ha avanzado soberbiamente en la fragmentación de los saberes y abordajes, ensanchando o estrechando las fronteras de acuerdo con el punto de vista epistemológico aceptado en una determinada comunidad científica. Así, delante de un problema, un acontecimiento, un sujeto, cada disciplina propone su retrato, su análisis, su solución. Los individuos, por consiguiente, también son desintegrados en los abordajes disciplinares, recortados en las especialidades disponibles en cada momento de su jornada de vida: de modo resumido y caricaturesco, la prescripción especializada sugiere medicina para las enfermedades del cuerpo, psicología para los males emocionales, sociología para los desórdenes de la vida en comunidad, y así sucesivamente. ¿Cómo interrumpir o frenar la fragmentación y, de algún modo, buscar religar los saberes? Desde mediados del siglo pasado ha crecido un movimiento en torno de nuevos abordajes no disciplinarios, experimentos multi-trans-interdisciplinarios que han sido objeto de nuevos abordajes epistemológicos y nuevas prácticas de enseñanza-aprendizaje.

La participación de niños, niñas y adolescentes en ambientes de deliberación pública es objeto de reflexión por Conceição Firmina Seixas Silva, Giselle Arteiro Nielsen Azevedo y Heloisa Dias Bezerra en el artículo *Escuta e diálogo: crianças e jovens na formação de minipúblicos potentes para a construção de políticas inclusivas*. Las autoras trabajan la concepción de minipúblico, resaltando una experiencia que torna viables actos de habla, de escucha y de intercambio buscando la obtención de subsidios para la implantación de acciones y políticas dirigidas a la reducción de vulnerabilidades en territorios periféricos. Niños, niñas y adolescentes constituyen un público cuya voz es notablemente silenciada cuando el asunto incluye a la política y a las decisiones políticas que van a tener impacto en la vida cotidiana.

Con miradas distintas, dos artículos abordan cuestiones sobre la adolescencia y sus múltiples dimensiones. En *A adolescência negligenciada: múltiplos olhares*, Ana Lucia Ferreira, Joana Garcia y Marta Rezende Cardoso buscan comprender la negligencia como una manifestación de violencia no siempre visible, trayendo una reflexión punzante sobre las ausencias institucionales y familiares, especialmente en lo que se refiere a la protección y cuidado de estos sujetos, hecho que, de manera frecuente, esconde aspectos culturales y políticos socialmente admitidos, tales como desinformación, maltrato intrafamiliar, precariedad en los medios de subsistencia y de asistencia pública. La protección de los adolescentes es tomada como un deber ser colectivo para asegurar aspectos materiales y legales, así como el fortalecimiento del propio sujeto en las prácticas de autocuidado y autoprotección. El artículo se ilustra con un caso inspirado en demandas cotidianas de una unidad de salud, incluyendo una adolescente en situación marcada por formas distintas de negligencia.

Desde otra perspectiva, en *Adolescência e suas marcas: o corpo em questão*, Beatriz Akemi Takeiti, Cristiana Carneiro y Simone Ovinha Peres reflexionan sobre la temática del cuerpo en cuanto objeto de estudio privilegiado para los campos de la adolescencia

y la juventud, trayendo cuestiones singulares sobre las marcaciones del cuerpo, sean tatuajes, piercings o *cutting*, las cuales encarnan nuevos modos de identidad social, de género, pertenencia social y también de violencias y autoviolencias. Para las autoras el cuerpo pasó a ocupar un lugar de destaque en la escena social, demandando atención, cuidados, intervenciones públicas y regulaciones biológicas y culturales.

En el artículo *Agravamento das vulnerabilidades infantojuvenis: uma análise sociopolítica do sofrimento psíquico durante a pandemia de COVID-19*, Edson Guimarães Saggese, Ivone Evangelista Cabral y Luciana Gageiro Coutinho analizan algunos impactos del período pandémico en niños, niñas y adolescentes, buscando contextualizar y articular vulnerabilidad social y vulnerabilidad psíquica. La retirada de la escuela y la reducción de la atención presencial en las unidades de salud aparecen como factores relevantes para un aumento de la vulnerabilidad y de las violencias, sea por la ampliación del tiempo de permanencia en casa, en la convivencia intrafamiliar, sea por alejar a niños, niñas y adolescentes de espacios que de cierto modo ofrecen alguna protección y un lugar de escucha.

Finalmente, en *A criança e seus mil dias: articulações entre saúde e educação*, Antonio José Ledo Cunha y Patrícia Corsino analizan los primeros años de vida de un niño/a, estableciendo un diálogo fecundo entre Salud y Educación Infantil. El análisis recae sobre la atención integral y el marco legal de la primera infancia, abarcando desde los derechos fundamentales a las políticas orientadas a la primera infancia, con énfasis en los primeros mil días, que son esenciales para el pleno desarrollo de los niños y niñas, para el perfeccionamiento de las sociedades y la disminución de desigualdades.

La Sección Libre de Temas Sobresalientes trae siete artículos. En *Diante do fim do mundo, recomeçar pela infância*, escrito en el contexto de la pandemia en Brasil, Marina Harter Pamplona y Marcelo Santana Ferreira abordan la importancia de volver la mirada hacia la relación existente entre la imagen de una destrucción necesaria para la apertura de lo nuevo y el gesto regresivo de la narrativa operacionalizado por los recuerdos de la infancia. En el horizonte, una concepción política de la infancia capaz de construir otras formas de leer la historia en oposición a los regímenes políticos totalitarios que se presentan movidos por otra especie de destrucción.

En el artículo *Niñez, educación y pandemia: la experiencia de las familias en Buenos Aires (Argentina)*, de Marina Moguillansky y Carolina Duek, la no distribución igualitaria de condiciones y acceso a la educación virtual, se presentan como reproducción de desigualdades preexistentes. Mientras en las escuelas particulares, que reciben niños y niñas de familias de clase media y media alta, tuvieron un comienzo más rápido de la propuesta de educación virtual y acceso a los múltiples recursos y a su realización, las escuelas públicas, que albergan niños y niñas de familias de clases populares y clase media baja, tuvieron dificultades para insertarse en un sistema educacional distante de sus condiciones de aporte y realización

Teniendo como objeto de estudio las movilizaciones políticas con referencial democrático, de igualdad y de respeto a las diferencias, Ana Carolina V. R. Santos, en el artículo *Feminismo teen e youtubers: feminismo na adolescência em tempos de redes sociais*, buscó investigar el modo a través del cual las motivaciones, reflexiones y experiencias de adolescentes identificadas como feministas son impactadas por las redes sociales, especialmente YouTube.

La discusión em torno al trabajo infantil trae una serie de cuestiones que se presentan aparentemente resolutivas cuando se las observa a la luz de su erradicación, sin embargo, como nos trae Natalia Sepúlveda Kattan en *Contribuciones desde los movimientos*

de niños, niñas y adolescentes trabajadores a la discusión en torno al trabajo infantil, en una perspectiva innovadora, existe la necesidad de dar voz y escucha a los movimientos de niños, niñas y adolescentes trabajadores/as que están presentes en América Latina, Asia y África, para que se pueda lograr un mejor desarrollo conceptual del fenómeno, cuya discusión va más allá del hecho de que niños y niñas trabajen.

Desde perspectivas distintas, otros dos artículos traen el tema de la violencia. En *A notificação compulsória da violência contra crianças e adolescentes e seus desdobramentos via Conselho Tutelar*, Joana Garcia y Vanessa Miranda Gomes da Silva, demuestran que aún hay en Brasil una naturalización de ciertas manifestaciones de violencia, tornándose importante la politización y la difusión de las implicaciones de las mismas a fin de que se pueda volver lo que es considerado natural o inmutable en algo que sea preferencialmente evitable. Ya en el artículo *Avaliação de reincidência de ofensa sexual cometida por adolescentes de 16-18 anos*, Ana Clara da Silva, Larissa Fernandez, Ranieli Gomes de Sousa, Vanessa Pereira, Andrea Schettino y Liana Fortunato Costa, traen una investigación exploratoria realizada con adolescentes atendidos en un programa de asistencia a familias en situación de violencia. El objetivo fue investigar, por medio del instrumento ERASOR 2.0, aún poco conocido en el contexto brasileño, el riesgo de reincidencia de ofensa sexual practicada por los participantes.

Finalmente, la relación entre salud y educación, es propuesta por Maryana Rodrigues, Ingrid Siqueira, Vitória Santana, Juliana Caminha y Vivyan Correio, en el artículo *Reflexões sobre promoção de saúde na escola: invenções e possibilidades de uma extensão universitária*. La preocupación por las cuestiones referentes al sufrimiento psíquico causados por el proceso de preparación para la prueba de admisión a la universidad en jóvenes de escuela secundaria, resultó en un proyecto de extensión idealizado por alumnas de la carrera de Psicología de la Universidade Federal Fluminense- Niterói- RJ, realizado con estudiantes en transición a la universidad en un colegio federal de la misma ciudad.

La Sección Relevamiento Bibliográfico trae dos reseñas. Una, de Elen Alves dos Santos, sobre la obra *Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: estudos de casos em psicanálise e educação*, de Cristiana Carneiro y Luciana Gageiro Coutinho; la otra, de Vera Lucia G. Da Silva, sobre la obra *Pensar la educación en tiempos de pandemia: entre la emergencia, el compromiso y la espera*, organizado por Inés Dussel, Patricia Ferrante y Darío Pulfer.

Presentamos también, como siempre, el relevamiento de 38 publicaciones recién lanzadas en el último trimestre en el campo de la infancia, adolescencia y juventud divulgadas en el ámbito de los sitios web de editoriales comerciales y universitarias en los países latinoamericanos.

Nos gustaría registrar aquí nuestros más sinceros agradecimientos por el apoyo financiero de enmienda parlamentaria al Presupuesto de la Unión de autoría del Diputado Alessandro Molon (PSB-RJ), que hizo posible la impresión de esta edición.

Agradecemos también a Thyago Machado, del Forum de Ciência e Cultura de la UFRJ, por el apoyo inestimable en la tramitación de los recursos de esta Enmienda Parlamentaria.

Heloisa Dias Bezerra

EDITORA INVITADA DE LA SECCIÓN TEMÁTICA INTERDISCIPLINARIEDAD

Lucia Rabello de Castro

JEFA DE EDICIÓN

Sonia Borges Cardoso de Oliveira

CO-EDITORA

AGRADECIMIENTOS A LOS CONSULTORES/AS AD HOC DE 2021, LISTADOS ABAJO:

Albenise de Oliveira Lima – Brasil, Universidade Católica de Pernambuco
Alfredo Nateras Domínguez – México, Universidad Nacional Autónoma de México
Ana Lila Lejarraga – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Anália Martins de Sousa – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Ana Lucia Goulart de Faria – Brasil, Universidade Estadual de Campinas
Angela Alencar de Araripe Pinheiro – Brasil, Universidade Federal do Ceará
Antonio César de Holanda Santos – Brasil, Universidade Federal de Alagoas
Beatriz Akemi Takeiti - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Beatriz Corsino Pérez - Brasil, Universidade Federal Fluminense
Clarice Cassab - Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora
Cristiana Carneiro - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Diana Dadoorian - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Diana Milstein – Argentina, Universidad Nacional de La Matanza
Doria Monica Arpini - Brasil, Universidade Federal de Santa Maria
Edson Guimarães Sagesse – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Electra Gonzáles – Chile, Centro de Medicina Reproductiva y Desarrollo Integral del Adolescente
Elizabete Franco Cruz – Brasil, Universidade de São Paulo
Fátima Flórido Cesar – Brasil, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Fernanda Canavêz de Magalhães - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Fernanda Theophilo da Costa-Moura - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Flávia Cristina Silveira Lemos- Brasil, Universidade Federal do Pará
Gabriela Novaro – Argentina, Universidad de Buenos Aires
Guilherme Arias Beaton – Cuba, Universidad de La Habana
Idilva Maria Pires Germano – Brasil, Universidade Santa Cruz do Sul
Jader Janer Moreira Lopes - Brasil, Universidade Federal Fluminense
Janaina Sampaio Zaranza – Brasil, Universidade Federal do Ceará
Jaqueline Cavalcanti Chaves – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Jimena de Garay Hernández – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
José Alfredo Debortoli - Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais
José Ignacio Richaud – Chile, Aperturas Clínicas - centro de investigación y tratamiento de la infancia con problemas
Latif Antônia Cassab – Brasil, Universidade Estadual do Paraná
Lila Cristina Xavier Luz – Brasil, Universidade Federal do Piauí
Lúcia Isabel da Conceição Silva – Brasil, Universidade Federal do Pará
Luciana Gageiro Coutinho – Brasil, Universidade Federal Fluminense
Luciana Martins Quixadá – Brasil, Universidade Estadual do Ceará

Luciana Moreira de Araujo – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RJ)
Luciane De Conti – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Luís Felipe Rios do Nascimento – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco
Marcelo Tadeu Baumann Burgos – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RJ)
Marcia Aparecida Gobbi - Brasil, Universidade de São Paulo
María Eugenia Rausky- Argentina, Universidad Nacional de la Plata
Marcos Cezar de Freitas – Brasil, Universidade Federal de São Paulo
Marcos Ribeiro Mesquita – Brasil, Universidade Federal de Alagoas
María Celeste Hernández - Argentina, Universidad Nacional de La Plata
Maria Cristina Ventura Couto - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Maria Lidia Bueno Fernandes - Brasil, Universidade de Brasília
Maria Livia de Tommasi - Brasil, Universidade Federal do ABC
Maria Tereza Goudard Tavares – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Maria Victoria Alzate Pedranhita – Colômbia, Universidad Tecnológica de Pereira
Mariana Mollica da Costa Ribeiro Araujo - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marta Xavier Fadrique – Brasil, Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre
Melissa Ribeiro Teixeira - Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Nair Monteiro Teles – Brasil, Fundação Oswaldo Cruz / Moçambique, Universidade Eduardo Mondlane
Natalia Alvarez-Prieto – Argentina, Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas
Nécio Turra Neto - Brasil, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Neuza Maria de Fátima Guareschi – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Neyra Patricia Alavaro Solís – México, El Colegio de San Luis
Paola Jiron Martinez - Chile, Universidad de Chile
Ramiro Segura - Argentina, Universidad Nacional de La Plata
Raquel Corrêa de Oliveira – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rodrigo Gabbi Polli – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Roseane Amorim da Silva – Brasil, Universidade Federal Rural de Pernambuco
Rossano Cabral Lima – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Sílvia Pereira da Cruz Benetti– Brasil, Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Simone Ouwinha Peres – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Sofía Hengen – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Tereza Correia da Nóbrega Queiroz - Brasil, Universidade Federal da Paraíba
Vanessa Barbosa Romera Leme – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Vlândia Jamile dos Santos Jucá – Brasil, Universidade Federal da Bahia
Veriana de Fátima Rodrigues Colaço – Brasil, Universidade Federal do Ceará
Vinicius Coscioni – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Zuleica Pretto - Brasil, Universidade do Sul de Santa Catarina